

CLÁUDIO ABRAMO

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Folha de S. Paulo, 18.08.87

Emocionado, recebi a notícia da morte de Cláudio Abramo. Um grande jornalista, uma cultura universal, uma indignação moral permanente, um amigo crítico e solidário nos deixou subitamente.

Cláudio Abramo viveu intensamente as contradições do mundo em que vivemos. Ele próprio era um homem profundamente contraditório. Desejava a revolução, dizia ser um revolucionário, mas na verdade sempre foi um reformista. Declarava-se um autoritário, mas sempre foi antes de mais nada um democrata. Intitulava-se um pessimista, mas nunca deixou de ter esperança.

Notável jornalista, renovou a imprensa brasileira dirigindo por vários anos a redação de O Estado de S.Paulo e depois da Folha de S.Paulo. Conhecia-o há muitos anos, mas fiquei seu amigo e de sua mulher Radah nos últimos dez anos, quando voltou a uma de suas paixões, a política internacional, como correspondente em Londres e Paris, e depois quando se tornou responsável pela coluna "São Paulo" desta Folha e por um artigo semanal na revista Senhor.

Lia-o sempre. O título de seu último artigo, que acabara de ler quando soube de sua morte, era "Em nome da moralidade", e cobrava dos três poderes - do Executivo, do Legislativo e do Judiciário - a publicação da lista dos "marajás". Não foi por acaso que Cláudio Abramo tratou do problema moral em seu último artigo. Para ele a moralidade era um componente essencial da justiça social. Não poderá haver um mínimo de justiça social enquanto os privilégios imorais de todos os tipos - no setor público e no setor privado - não forem reduzidos.

Cláudio Abramo deixa atrás de si muitos discípulos e muitos amigos. Os discípulos lembrarão do grande jornalista, do profissional competente, que defendia a independência e a capacidade crítica de cada um dos seus liderados. Os amigos lembrarão do homem afetivo e cordial, frágil na sua força, sempre presente e solidário.